

Utopia hoje é construir uma cidade sustentável 66

De São Paulo

Tão fundamental quanto a funcionalidade para os urbanistas dos anos 50 é a sustentabilidade para seus colegas de hoje. Se projetada agora, Brasília teria mais eficiência energética e transporte público, maior densidade demográfica e melhor aproveitamento da água.

É tudo isso não só por motivações ecológicas, mas também por questões econômicas", defende o arquiteto Fernando Serapião, autor do Guia de Arquitetura Contemporânea (Editora Viana & Mosley) e editor-executivo da revista Projeto Design. A seguir, trechos da entrevista concedida ao Valor.

Valor: O que seria consenso para os urbanistas de hoje na concepção de uma cidade como Brasília?

Fernando Serapião: Provavelmente, seria imprescindível pensar numa cidade economicamente viável do ponto de vista ecológico, com utilização de energia reciclável, reúso de água, transporte limpo... Hoje, se você convidasse as maiores cabeças do urbanismo para pensar o assunto, talvez tentassem fazer uma cidade sem carros. É a utopia contrária da de Brasília, concebida com o automóvel como veículo de transporte. Veja o exemplo de Masdar, uma cidade sustentável para cerca de 50 mil pessoas, em construção, em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes Unidos. A ideia é de que ali não haverá carros. Todos circularão de transporte público: trens elétricos com paradas planejadas de modo que ninguém tenha de andar mais de 200 metros até uma parada. Com a meta de neutralidade na emissão de carbono, o projeto também prevê a construção de uma usina de

energia à base de hidrogênio, menos poluente, e também a instalação de estruturas para geração de energia solar nas coberturas das construções. É uma cidade com ruas estreitas, compacta e densa.

Valor: E qual é a relação entre alta densidade demográfica e sustentabilidade?

Serapião: Um dos grandes problemas urbanos é a circulação. Cidades mais densas têm mais condições de ter bom transporte para todo mundo. Eu sempre dou o exemplo de São Paulo. A gente imagina que é uma cidade densa, cheia de gente, sem mais lugar para crescer. Isso é balela. São Paulo é pouquíssimo densa, muito horizontal. É muito espalhada, com uma periferia toda baixa. Mesmo o centro expandido tem prédios baixos, com recuos grandes. Na média, as construções paulistanas têm quatro pavimentos. É um modelo difícil de se pagar. Afinal, com os mesmos impostos, é preciso construir um metrô quatro vezes maior. Toda a infraestrutura fica mais cara: as redes de água, luz, esgoto, coleta de lixo, telefonia. Se a área é menor, os investimentos também ficam mais baratos. Com maior densidade, as cidades são mais viáveis economicamente. E Brasília de densa não tem nada. Seu conceito é outro. Outra coisa: se Brasília fosse construída hoje, provavelmente o térreo das áreas residenciais seria ocupado. Para Lucio Costa, o térreo era um espaço público. O movimento moderno contestava o valor do solo como propriedade. Era uma ideia quase marxista de que o solo tinha de ser livre. Só se construía dali para cima. Numa cidade convencional, é difícil o térreo dos edifícios não ser ocu-



Serapião: "Com maior densidade, as cidades são mais viáveis economicamente. E Brasília de densa não tem nada"

pado, já que ali está a área mais valorizada para o comércio.

Valor: O que mudou nos projetos e na construção em relação ao consumo de energia?

Serapião: Os prédios de Brasília são absolutamente convencionais do ponto de vista de eficiência energética. Nas construções atuais, de forma geral, é preciso abolir o uso do ar-condicionado. Afinal, se você tem condições arquitetônicas de dar conforto ao usuário, qual a necessidade de você baixar a temperatura? É possível controlar a temperatura de uma edificação com elementos arquitetônicos. E isso não é de hoje. Desde o tempo das cavernas, o ser humano tenta criar um am-

biente em que consiga viver com mais conforto. Mais recentemente, desenvolvemos elementos como o Brise soleil, o chamado quebra-sol. Instalado na fachada, ele ajuda a reduzir a temperatura. Hoje também são bem difundidos os tetos-jardim, para que o sol não bata muito forte e não aqueça demais a edificação. Outro recurso é a circulação cruzada, em que janelas em posições opostas facilitam a circulação do ar. Não são soluções necessariamente caras. É só uma questão de inteligência de projeto.

Valor: O que trouxe a eficiência energética de volta à pauta do dia na arquitetura?

Serapião: Mais recentemente

percebeu-se que a construção, manutenção e uso de edificações consome 40% da energia do mundo. Para manter um prédio com ar-condicionado, gasta-se muita energia. Para produzir aço ou cimento, gasta-se muita energia. Se você somar toda essa cadeia, existe um consumo de energia absurdo. Mas isso poderia que poderia ser diferentes com mudanças não só nos projetos de arquitetura. A indústria de cimento, por exemplo, está realizando pesquisas para encontrar formas de produzir com menos energia. A cadeia inteira da construção está preocupada com o assunto. Por quê? É bom lembrar que antes da crise o mundo ameaçava chegar a um colapso de con-

sumo energético. Essa é a questão.

Valor: Em relação à escolha dos materiais, o que torna uma construção sustentável?

Serapião: É sempre melhor buscar materiais locais para reduzir o impacto ambiental do transporte. Utilizar madeira da Amazônia em São Paulo, mesmo que certificada, é antiecológico. Afinal, como o material chega aqui? De navio e avião, com grande utilização de combustível fóssil. O uso de materiais reciclados também pode ser importante, mas muito provavelmente não da forma como se costuma imaginar.

Valor: O que mais não faltaria hoje numa nova cidade planejada?

Serapião: Se Brasília fosse construída hoje, haveria sistemas de captação de água de chuva para reúso. Esta seria usada em grande escala para lavagem de ruas, jardins, bacias sanitárias. Para isso, os sistemas de tubulações têm de ser planejados na planta. O sistema da descarga, por exemplo, não pode ser o mesmo da pia.

Valor: Até que ponto seria viável atualmente construir uma cidade da estaca zero?

Serapião: Acho que isso só seria feito por uma necessidade latente, como, por exemplo, a criação de uma cidade para substituir outra inundada pela construção de hidrelétrica ou destruída por catástrofe natural. Em qualquer lugar do mundo, dificilmente passaria politicamente a construção de uma cidade para promover o desenvolvimento e a interiorização, como foi o mote de Brasília. Nem um presidente com a popularidade do Lula conseguiria emplacar um projeto assim. A resistência seria grande porque existem outras formas de promover o desenvolvimento, com obras e projetos para beneficiar cidades já existentes.